



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Cinemateca Júnior  
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

**AZUR ET ASMAR / 2006**  
**Azur e Asmar**

Um filme de Michel Ocelot

**Realização:** Michel Ocelot / **Assistente de Realização:** Eric Serre / **Argumento:** Michel Ocelot / **Música original:** Gabriel Yared / **Montagem:** Michèle Péju / **Direção de Arte:** Daniel Cacouault / **Direção de Animação:** Kyle Badla / **Efeitos Especiais:** Alexandra Added / **Interpretação** (vozes): Cyril Mourali (Azur), Karim M'Riba (Asmar), Hiam Abbas (Jenane), Patrick Timsit (Crapoux), Rayan Mahjoub (Azur criança), Abdelselem Ben Amar (Asmar criança), Fatma Bem Khell (Princesa Samsous Sabah).

**Produção:** Jacques Bled, Philippe Boëffard, Patrick Juarez (Intuitions Films), Andrea Occhipinti (Lucky Red), Patrick Quinet (Artémis Productions), Stéphane Sorlat (Zahorimédia), Viviana Turchi / **Duração:** 99 min, cor / **Cópia:** Digital / **Estreia Mundial:** Bélgica, 25 de outubro de 2006 / **Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.**



O imaginário do realizador francês Michel Ocelot e o seu traço no cinema de animação já são conhecidos pelo público da Cinemateca Júnior, através do filme *Kirikou et la Sorcière* (Kirikou e a Feiticeira, 1998). Também realizou outros filmes, sempre de animação, como *Princes et Princesses* (Príncipes e Princesas, 2000), *Kirikou et les Bêtes Sauvages* (“Kirikou e os animais selvagens”, 2005), *Les Contes de la Nuit* (Histórias de Embalar, 2011), *Kirikou et les hommes et les femmes* (“Kirikou e os homens e as mulheres”) e *Dilili à Paris* (“Dilili em Paris”, 2018), entre outros.

Com este filme, *Azur et Asmar*, o realizador reflete sobre a presença da hostilidade entre diferentes culturas e religiões. Tema que lhe é querido porque em criança experimentou o “desconforto” de ser considerado “diferente”, enquanto emigrante. Depois de nascer em França, Michel Ocelot viveu na Guiné, em África, e teve contato com a cultura islâmica, bem diferente da francesa, e esta experiência obrigou-o a pensar em como integrar na sua vida estas duas culturas de forma serena.

No filme somos transportados para a Idade Média. Desde o início, vamos dar-nos conta de que toda a história envolve a vida e o destino de dois meninos: Azur e Asmar. Azur de olhos azuis e Asmar de olhos castanhos. No meio deles, uma figura feminina, Jenane, a mãe de Asmar, que alimenta os dois meninos e cuida deles de igual forma, como se fossem irmãos. Azur e Asmar enquanto crianças relacionam-se de forma espontânea e amigável, ouvindo as lendas, principalmente a da Fada dos Djinnns, que Jenane lhes conta na sua língua, o árabe. Esta história da fada fechada num sítio escondido, que aguarda a libertação por um jovem valente, marcará o futuro destes dois jovens e o seu reencontro.

Acontece que os dois meninos serão separados devido à discriminação racial e à desigualdade social existente no mundo dos adultos: o pai de Azur considera que ele tem que ir para um colégio e afasta-o de Asmar, expulsando este e a sua mãe de casa. Mas quando Azur chega a adulto, e não tendo esquecido a sua infância, inicia uma longa viagem, para além do mar, com o desejo de reencontrar Asmar, a sua ama Jenane, e libertar por fim a Fada dos Djinnns...

Uma vez chegado ao novo país, sempre acompanhado pelo eco da língua desconhecida mas ainda familiar (a língua árabe da sua ama) ele é rejeitado por todos os que encontra pelos seus olhos azuis que, segundo a tradição daquela terra, dão muito azar. Assim, para evitar problemas, terá que fechá-los e fingir-se cego.

Então Azur já não é o belíssimo menino bem vestido e “nobre” do passado mas um mendigo, cego e perdido. Quem o ajuda nesta viagem será um personagem curioso, que também veio de longe e passou a viver neste país, Crapoux, muitas vezes rabugento e queixando-se de tudo e de todos. Mesmo sem ver, Azur consegue conhecer em profundidade o novo lugar onde se encontra, o Magreb, pois vai afinando outros sentidos e abrindo-se à nova realidade, descobrindo pouco a pouco um país rico e misterioso através da língua, da comida, da maneira de vestir das pessoas.

Um dia Azur consegue finalmente encontrar a sua ama, Jenane, e Asmar, que se tornou um valente cavaleiro. Asmar rejeita Azur, ainda ressentido pela forma como ele e a mãe foram expulsos da casa do antigo companheiro. As personagens do judeu e da princesa-menina Chamsous-Sabah, ajudarão com sabedoria Azur a escolher o caminho que o vai para além da superstição, dos preconceitos e dos lugares comuns. Cada vez mais rivais, Azur e Asmar têm ambos o desejo de começar a viagem para encontrar a Fada dos Djinnns. Através paisagens maravilhosas, os dois irmãos vão ter que enfrentar seres fantásticos: o leão escarlata ou o Saïmourh, um pássaro mitológico dos contos persas e os Djinnns, seres lendários orientais, parecidos com pequenos elfos. Para crescer é sempre preciso ultrapassar algumas provas e eles estão a fazê-lo novamente juntos. E vão-se apercebendo de que cada um só pode ultrapassar as dificuldades com o apoio do outro e assim, a pouco a pouco, o lado humano e a amizade prevalecem.

Finalmente ambos vão chegar à sala das luzes, onde a fada os espera para ser libertada. Mas qual dos dois libertou a fada, se entraram na sala ao mesmo tempo? Quem irá então casar com a Fada dos Djinnns? A própria fada irá convidar a ama, a princesa-menina, o velho sábio, Crapoux, e até a Fada dos Elfos, para os interpelar mas nenhum deles consegue dizer quem é o verdadeiro herói. Apesar de termos várias sabedorias reunidas, nenhuma dela é capaz de se mostrar superior às outras.

A Fada dos Elfos acha que Asmar, com a sua pele escura, é muito bonito, enquanto a Fada dos Djinnns tem o mesmo sentimento em relação a Azur. No fim todas as personagens dançam juntas, harmoniosamente. Não há vencedores nem vencidos, tanto Azur como Asmar encontram a sua fada. Sem abdicar da sua própria identidade e das suas próprias raízes, ambos aceitam partilhar a existência com o outro, reconhecendo que não existe um único pensamento, uma única maneira certa de ver o mundo, mas que a realização de si próprio passa pelo conhecimento do outro, pela tolerância, pela partilha e troca de experiências.

O realizador demorou seis anos para realizar este filme, grande parte deste tempo dedicada à investigação sobre a época e os locais onde se passa a história. Quis descobrir como eram os hábitos, as tradições, o vestuário, a comida, a arquitetura até a vegetação, para os representar no filme da forma o mais fiel possível ao real.

O filme é falado em língua francesa e em língua árabe. Esta última, por intenção do realizador não é legendada ou traduzida, para que o espetador sinta um certo “desconforto”, como se fosse também um emigrante num país estrangeiro e não entendesse a língua local. Como nos sentiríamos?

“Eu conheci dois países, duas línguas, duas religiões: isto faz com que eu saiba duas vezes mais...” diz a mãe de Asmar. A união entre culturas diferentes será o nosso futuro e será um grande tesouro se soubermos valorizar e apropriar-nos deste saber, praticando a tolerância e o diálogo.